

Sentidos de ‘normal’/‘anormal’ em circulação: o diferente como caução argumentativa

Meanings of ‘normal’/‘anormal’ in circulation: the different as an argumentative basis

Gildo Antonio Moura Júnior¹

Cármem Agustini²

RESUMO

Neste artigo, filiados à Semântica do Acontecimento, elaborada por Eduardo Guimarães (2002; 2005; 2018), que considera que os sentidos são constituídos no enunciado, na relação de uma palavra com outra, analisamos a designação das palavras ‘normal’/‘anormal’ em um arquivo constituído por nove textos midiáticos de circulação no Brasil, publicados no período de 2000 a 2019, nos quais as palavras ‘normal’/‘anormal’ constam de suas formulações. O interesse de reflexão sobre o par de palavras (‘normal’/‘anormal’) encontra-se em compreender como os seus sentidos se constituem nos enunciados nos quais elas aparecem como qualitativo de ser humano, e de que forma esses sentidos dialogam com a historicidade dos sentidos de ‘normalidade’. Os sentidos de tais palavras têm ganhado o cotidiano do brasileiro para designar diversas práticas, comportamentos, ideias, ações etc. Portanto, investigamos como o ‘normal’/‘anormal’ significa e faz significar o diferente como caução argumentativa de certas práticas segregacionistas. Essa análise mostra como o político atravessa a língua no acontecimento da enunciação, fazendo significar uma divisão desigual do real, na qual os sentidos de ‘normal’ caucionam argumentativamente essa divisão. Essa divisão funciona determinando como o enunciado pode e deve incluir certos sentidos e excluir outros. É assim que um enunciado concorre por espaço com outro(s) enunciado(s), instaurando uma disputa por significar. Em decorrência da constituição política do enunciado, analisamos a historicidade da palavra ‘normal’/‘anormal’, para compreender de que forma sua significação é interpelada por questões políticas de poder dizer.

Palavras-chave: Semântica. Acontecimento. Reescrituração.

ABSTRACT

This paper, affiliated to Semantics of the Events, proposed by Eduardo Guimarães (2002; 2005; 2018), which considers the meanings are constituted in the statements, on the relation of one word to another, we analyze the designation of the word ‘normal’/‘anormal’ in a *corpus* composed by nine journalistic texts published in Brazil between 2000 and 2018, in which the word normal’/‘anormal’ appears. The interest surrounding this analysis and reflection is to understand how the meanings of that word are constituted in the statements in which it is used as a qualitative about human being, and how these meanings dialogue with a historicity around the idea of normality. Currently, the word ‘normal’ has been used in our daily lives to designate different practices, behaviors, ideas, actions etc. Therefore, we investigate how ‘normal’/‘anormal’ brings about the different as an argumentative basis of certain segregationist practices. This analysis shows how politician goes through language in the event of enunciation, splitting the real differently, in a way that the meanings of ‘normal’ compete to meaning. This division works pointing how statements can and must include some

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas/SP, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1351-3326>. E-mail: gildo_moura@hotmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Doutora pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas/SP, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5504-3911>. E-mail: carmen.agustini@gmail.com.



meanings and other does not. That is how one statement competes for space with other statements, establishing a contest to meaning. Due to the political constitution of the statement, we analyze the historicity of the word 'normal/anormal' in order to understand how its meanings are permeated by political issues.

Keywords: Semantics. Events. Rewriting.

1 INTRODUÇÃO

A normalidade, compreendida como discurso, funciona a partir de um processo social, histórico e ideológico de normalização dos sentidos passíveis de serem relacionados ao ser humano. É nesse processo que os sentidos que configuram a normalidade ganham constituição, formulação e circulação. Em nossa sociedade atual, seus sentidos dominantes sustentam-se na discursividade médica, que (re)produz padrões de normalização, aferíveis por escalas de comportamento. Tanto é assim que a discursividade médica determina as designações que podem significar o diferente como diagnóstico de anormalidade.

De acordo com Miskolci (2003, p. 110), “é na década de 1820 que Auguste Comte (1791-1857) dá à palavra ‘normal’ sua primeira conotação médica”. Desde o século XIX, a palavra ‘normal’ passa, então, a aparecer ligada a dois campos do conhecimento humano: o médico e o social. Ainda de acordo com Miskolci (2003, p. 110), ambos os campos estão “imbuídos do mesmo interesse de medir, classificar e disciplinar os indivíduos de forma a que estes se conformassem à normalidade”, ou seja, se conformassem à formação social em vigência e seus modos de existir. É assim que esse processo de normalização, segundo Miskolci (2003), naturaliza e disciplina a sociedade e suas instituições.

Esse processo de normalização relaciona-se à emergência e ao desenvolvimento do capitalismo e da sociedade burguesa, que precisa de normas de ocupação do espaço social e mercadológico, a fim de resguardar a propriedade e o sistema mercantil. A disciplina como uma forma militar de ‘docilizar’ os cidadãos, conforme Foucault (2014, p. 166), determina-os aos *Aparelhos Ideológicos do Estado* (ALTHUSSER, 1985) e, assim, estabelece coerções implícitas e explícitas de controle (do) social.

Nas discussões propostas por Canguilhem (2010), o ‘anormal’, significado como diferente, constitui a ‘negação’ da normalidade; o ‘anormal’ compreende o ‘normal’, como um fora ainda dentro, com um humano ‘diferente’, ou seja, ainda humano, mas diferente. As discursividades médicas direcionam sentidos, nessa perspectiva, de que os cidadãos devem se enquadrar à norma,





uma vez que a anormalidade se circunscreve à patologia mental e aos desvios de comportamento. A patologia mental liga-se discursivamente a alguma disfunção química e biológica. No entanto, quando não é explicável por essas vias, de acordo com Canguilhem (2010), adere-se às discursividades que a significam como desvios de adaptação social, aferidos por comportamentos que fugiriam à norma. Nessa perspectiva, a construção semântica da loucura está ligada discursivamente às normas sociais e ao poder econômico. Essa relação oportuniza a vagueza de sua definição, uma vez que há um anacronismo constitutivo dos sentidos que atravessa as transformações sociais.

Nesta medida, cabe ao discurso médico produzir a normalidade, discriminando e classificando os comportamentos humanos em normais e anormais. De acordo com Foucault (2005), a loucura, por se tornar objeto de discurso da medicina, passa por um processo de naturalização, o que produz certo “esquecimento” de seu aspecto moral. Significada como natural e determinada por comportamentos observáveis, a loucura torna-se objeto de correção, readaptação e reinserção nas normas transgredidas. Se essa readaptação falha, o sujeito passa a ser significado como incapaz de circular e de assumir a condição social de cidadão: aquele que pode e deve trabalhar e que, por isso, pode consumir/pagar.

Com base nessas ponderações sobre a ‘normalidade’ em nossa sociedade, no presente artigo, analisamos a presença da palavra ‘normal’/‘anormal’ em textos publicados em mídias brasileiras, no período de 2000 a 2019, a fim de compreendermos como os sentidos de ‘normal’ são (re)formulados na conjuntura sócio-histórica e ideológica neoliberal vigente no Brasil. Para tanto, selecionamos nove textos,³ veiculados em jornais e blogs, que trazem textualmente a palavra ‘normal’ ao significar certos comportamentos sociais. Com a análise, trabalhamos as seguintes questões: como os sentidos de ‘normal’ se formulam nos enunciados em que aparece? De que forma esses sentidos dialogam com a historicidade do processo discursivo de normalização da sociedade? Como o espaço midiático brasileiro significa e faz significar o ‘normal’ e o ‘anormal’ como formas de disciplinar os sujeitos?

2 SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

Nossa posição teórica é a da *Semântica do Acontecimento* (GUIMARÃES, 2005) que considera que os sentidos se constituem no enunciado, ou seja, a palavra é tomada como parte integrante de um enunciado, no qual seu sentido é constituído em sua relação com as outras palavras do enunciado

³ Os textos foram selecionados a partir de uma busca no google por textos relacionados ao par normal/anormal. Dado o número extenso de resultados apresentados, optamos por selecionar os primeiros resultados sugeridos pelo sistema de buscas no momento.





e com o não-dito que as permite colocar em relação. Trata-se, dessa forma, de analisar como uma palavra determina outra, produzindo-se uma relação de sentido entre elas, enquanto expostas ao real e enquanto relação tomada historicamente.

Para tanto, faz-se necessário analisar dois procedimentos de textualidade, a reescrituração das palavras 'normal/anormal' e suas articulações a outras palavras. A reescrituração, conforme Guimarães (2007, p. 84), “é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. A articulação, por sua vez, diz respeito à relação de proximidade do locutor com aquilo que ele diz, que acaba por afetar as expressões linguísticas no interior do enunciado. A articulação “diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2007, p. 88). Sendo assim, entendemos que um enunciado significa a partir de sua consistência interna e de sua independência relativa, constituídas a partir das relações tomadas no próprio texto, por meio dos processos explicitados.

Para entendermos melhor cada procedimento textual e suas implicações de sentidos, é necessário nos atentarmos ao enunciado e como cada um desses procedimentos funciona no enunciado. Começando com a reescrituração, devemos entendê-la como um procedimento pelo qual a enunciação de determinado texto (re)diz o que já fora dito; trata-se de como uma palavra ou uma expressão se reporta a outra no mesmo texto. A reescrituração pode ocorrer por diversos mecanismos, a saber: i) repetição (quando a palavra/expressão é total ou parcialmente retomada no texto); ii) substituição (quando há uma substituição de uma expressão por outra); iii) elipse (quando há um ocultamento); iv) expansão (quando há uma ampliação de uma expressão); v) condensação (quando uma expressão condensa toda uma narrativa ou aquilo que fora dito antes) e vi) definição (quando há a definição de uma palavra/expressão) (GUIMARÃES, 2007).

Além disso, os procedimentos de reescrituração supramencionados podem ocorrer por sinonímia, especificação, desenvolvimento, generalização, totalização e enumeração. Sendo assim, uma reescrituração pode se dar da seguinte forma. Observemos o enunciado retirado de um dos textos que constituem o *arquivo de análise*: “Para alguns psiquiatras, a loucura é associada a um **estado alterado de consciência**, ao **comportamento desviante** que se pode manifestar como **genialidade** ou como uma **negação de normas** [...]”. Neste recorte, há o exemplo de como a palavra 'loucura' é reescrita por definição, em um processo de enumeração, que a define como um “estado alterado de consciência”, um “comportamento desviante” que pode se manifestar de duas formas: como genialidade ou negação das normas.



A articulação, por sua vez, é o procedimento por meio do qual uma determinada palavra se integra ao enunciado por meio de sua articulação local, em sintagmas específicos, ou a outros elementos linguísticos. Ao analisar a articulação, devemos entender como uma palavra afeta outra que ela não reescreve. Devemos olhar, por exemplo, para os elementos conjuntivos e perceber de que forma eles implicam a construção de sentidos e, conseqüentemente, a designação.

Dessa forma, analisando esses dois mecanismos textuais em um enunciado, conseguimos montar o Domínio Semântico de Determinação, doravante DSD, de determinada palavra/expressão em um texto específico. De acordo com Guimarães (2007), o DSD é a análise do funcionamento enunciativo de uma palavra, ou de expressões, de forma a especificar sua determinação nos enunciados, em texto específico ou em um conjunto de textos com algo em comum. Em nosso caso, o conjunto de textos analisados têm em comum a presença da palavra 'normal' referida a certo comportamento social, imputado a alguém. Sendo assim, para compor um DSD é importante entender que as palavras não se reportam a um sentido anterior à sua presença no enunciado. O sentido e seus efeitos resultam dos mecanismos textuais e discursivos, inscritos na memória do dizer.

Não devemos entender, com isso, que as palavras/expressões são ausentes de passado, pois, ainda de acordo com Guimarães (2007, p. 81), “as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem qualquer passado”, ou seja, é necessário olhar para o passado das palavras e suas significações para entendermos os possíveis sentidos construídos/evocados nos enunciados.

Entendemos, assim, a designação de uma palavra como a relação linguística e textual dessa palavra com a sua exposição ao real. Há sempre um real ao qual um determinado enunciado se reporta, e, ao se reportar a esse real, exclui outras possibilidades, que, por sua vez, exclui outros enunciados; nesse sentido, acrescenta-se o caráter político. Essa partilha do real é expressa diretamente na linguagem, porque há divisão no e de sentido(s).

3 OS DSD DA PALAVRA 'NORMAL' EM CIRCULAÇÃO NAS MÍDIAS BRASILEIRAS

A partir da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005), já abordada neste trabalho, analisamos nove textos que apresentam a palavra 'normal' e montamos seus respectivos DSD, a fim de relacionar sentidos evocados e presentificados nos e pelos enunciados. Na sequência, correlacionamos os nove DSD e destacamos as recorrências e os deslocamentos de sentidos





produzidos em cada um, a fim de determinarmos os sentidos em relação de dominância. Para tanto, faz-se necessário explicar os sinais usados na construção dos DSD.

De acordo com a proposta de Guimarães (2005), usamos $x \vdash y$, e suas variações \perp , \top , \dashv , para indicar quando x é determinado por y . Dessa forma, a título de explicação, em um de nossos DSD, temos: Louco \vdash Pensamentos anormais/Estado alterado de consciência. Ou seja, a palavra 'louco' é determinada pelas expressões nominais 'pensamentos anormais' e 'estado alterado da consciência', de modo que o sentido de louco é significado por 'pensamentos anormais' e 'estado alterado da consciência'.

Outro sinal recorrente é – para indicar relação de sinonímia ou relação de antonímia. Como exemplo, podemos observar parte de outro DSD de nossa análise:

Normais

Loucos – Indesejados

Nesse caso, a palavra 'normais' está em relação de antonímia - oposição - com a palavra 'loucos', que, por sua vez, está em relação de sinonímia - proximidade - com a palavra 'indesejados', de modo que é possível interpretar que 'loucos são indesejados', e que 'loucos' se opõem a 'normais', estabelecendo, a partir do sentido de 'diferente', uma divisão desigual do real.

Além disso, vale dizer que, a partir da necessidade discursiva ao construir os DSD, lançamos mão do sinal / que, embora não esteja proposto na Semântica do Acontecimento, permitiu explicitar relações de determinação do sentido que mantêm a direção argumentativa, funcionando como mecanismo de ênfase ou de reforço de sentidos já evocados e presentificados. Essa ênfase cauciona argumentativamente o diferente como sentido em jogo na relação 'normal'/'anormal'.

3.1 Texto 1

O Texto 1, *Esfagueador de Bolsonaro 'não era normal', diz familiar de agressor*, publicado por IG São Paulo, sem assinatura, trata-se de uma reportagem realizada a partir do atentado sofrido pelo então presidenciável Jair Bolsonaro. A reportagem apresenta dizeres dos familiares do responsável pelo ataque. Esses dizeres mobilizam sentidos de 'anormal' como justificativa para o ato, de modo que o ato de Adélio passa a ser significado como um ato de loucura. Já na manchete é possível perceber





que Adélio Bispo é apresentado/significado como anormal, por meio da negação de sua normalidade.

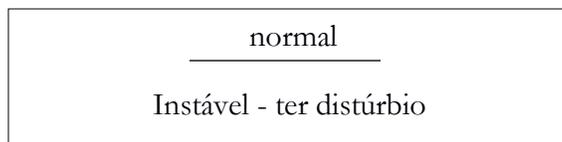
Ao longo do texto, a expressão “não era normal” é reescrita por: “era pessoa instável” e “deve ter algum distúrbio”. Observemos o dizer de Fábio, **marido da sobrinha** de Adélio: “Não posso dizer se era maluco, mas, pelas atitudes que tomava, não era normal, não. Deve ter algum distúrbio”. Esse dizer direciona os sentidos para a interpretação de que “as atitudes de Adélio” devem ser significadas como “atitudes de maluco”.

Chama-nos a atenção ainda o fato de que, durante todo o texto, o nome próprio Fábio nunca é reescrito como “sobrinho de Adélio” e, sim, como “marido da sobrinha”, o que evoca certos sentidos que produzem, como efeito, um distanciamento entre Adélio e Fábio. A única reescrituração que os aproxima é “familiar”, presente no título da matéria, mas o título da reportagem cumpre, além da função de nomeação, a função de apelação, ao interpelar o leitor, convocando-o à sua leitura. Daí a aproximação por ‘familiar’.

Outra questão importante é que esse efeito de distanciamento entre Adélio Bispo e Fábio, marido da sobrinha, e, portanto, parente por consórcio, produz efeitos de sentido contraditórios, uma vez que há enunciados no texto que evocam sentidos de discórdia entre eles. O efeito ‘loucura’, embora atenua o delito cometido por Adélio Bispo, faz significá-lo como alguém ‘indesejado’ pela sociedade, além de deslocar o atentado do caráter político para o caráter patológico e, por isso, fazendo-o significar como uma questão médica.

Com base nos procedimentos textuais descritos no tópico A Semântica do Acontecimento, construímos o DSD abaixo, para a palavra ‘normal’.

DSD 01



O nome Adélio Bispo, no enunciado, é determinado como “anormal”, devido à determinação à expressão “pelas atitudes que tomava” pelos adjetivos “instáveis” e “imprevisíveis”. Alguns argumentos reforçam tal determinação de anormalidade: ‘defender teorias da conspiração’, ‘se trancar no barracão’ e ‘falar pouco’. Essa enumeração reescreve “as atitudes” de Adélio. A partir dessa enumeração, é possível compreender que adjetivos como ‘solitário’, ‘lacônico’ e ‘excêntrico’





podem compor os sentidos de 'anormal'. Por contraposição, os sentidos de 'normal' podem ser determinados por adjetivos como 'gregário', 'falante' e 'típico'.

3.2 Texto 2

O Texto II, *Os Loucos, os Normais e o Estado*, de Eliane Brum, é uma reportagem sobre o Hospital Psiquiátrico Colônia e seus internos. A manchete, constituída por enumeração, dá visibilidade a uma relação significativa entre as palavras “loucos”, “normais” e “Estado”. Nessa discriminação por enumeração, “os loucos” aparecem de um lado, enquanto “os normais” e “o Estado”, de outro, o que não deixa de produzir efeitos. Essa enumeração, assim disposta, também pode impelir o leitor a questionar sobre a relação que haveria entre ‘loucos’/‘normais’ e ‘Estado’, o que pode funcionar como mecanismo de interpelação à sua leitura.

No início do texto, a referência aos pacientes do hospital psiquiátrico Colônia provoca a emergência de uma reescrituração de ‘loucos’ que faz significar que, ali, eram “internados” além de “loucos” aqueles cuja identidade borraria o discurso da normalidade social. Com a questão ‘quem eram para além de nomes apagados?’ (d)enuncia-se, por meio de uma especificação por enumeração da anáfora-zero de “os loucos”, os internos do Hospital, colocando em xeque o discurso que os denomina ‘anormais’. Observemos o recorte do texto que contém esse questionamento:

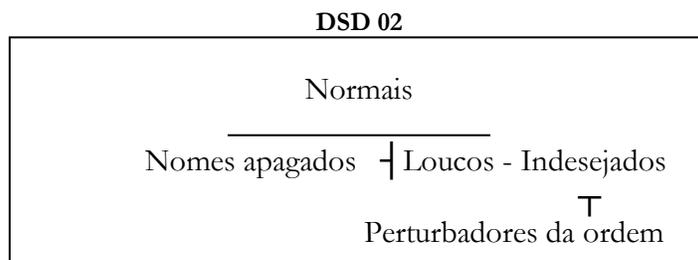
Quem eram para além de nomes apagados? Epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, mendigos, militantes políticos, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros que perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns deles eram apenas tímidos. (BRUM, 2013, não paginado).

Essa especificação por enumeração, ao provocar um efeito de denúncia, dá visibilidade ao deslocamento dos sentidos de “loucura”, naturalizados como pertinentes ao espaço discursivo médico, para sentidos relativos à luta de classes, própria do espaço discursivo social. É assim que os sentidos de “loucura” dão lugar a sentidos de “(in)justiça” social, de jogo de poder, deslocando os sentidos de “internos” da questão patológica para uma questão social. Esse modo de (re)formulação da “loucura” evoca certos sentidos de ‘louco’ que o significam como ‘indesejado’ na e pela sociedade normalizada. O hospital psiquiátrico Colônia é, assim, significado como um Aparelho Ideológico de



Estado, responsável por excluir da sociedade os indesejados, os desajustados, para que a ordem estabelecida não corresse riscos de ser “abalada”.

Decorre desse efeito de denúncia que os internos do hospital, denominados “loucos” pelo Estado, eram, com efeito, “normais” que deveriam ser silenciados e tornados invisíveis na e pela sociedade. Assim, a relação entre ‘loucos’/‘normais’ e Estado reside na autoridade que este teria para decidir sobre a normalidade dos seus tutelados. Observemos no recorte: “Daniela Arbex devolve aos corpos sem história, que eram os corpos dos ‘loucos’, uma história que fala deles, mas que fala mais de nós, os ditos ‘normais’.”, ao escancarar as mazelas de nossa sociedade capitalista e burguesa. Ao comentar a obra *Holocausto Brasileiro*, a oposição entre “os loucos” e “os ditos normais” é reforçada. Assim, “normais” são aqueles que se enquadram na normatização social do ideário vigente e “loucos”, os de ‘nomes apagados’ e ‘indesejados’. Assim, chegamos ao seguinte DSD:



Com base no DSD 2, podemos dizer que “loucos” são colocados em relação de sinonímia com “indesejados”, que são determinados por nomes apagados - identidades que não interessam e que incomodam a normalidade da sociedade -, bem como perturbadores da ordem, aqueles que quebram com a ordem social, a fim de fazer ressaltar a diferença semântica entre “loucos” e “indesejados”. Assim, a “loucura” não é atributo de “indesejado”, mas tanto “louco” quanto “indesejado” são postos em relação antonímica com “normais”. Na articulação “[...] para **além** de nomes apagados?”, o texto restitui a identidade aos ditos loucos e condenados aos tratamentos do hospital psiquiátrico. Não a identidade nominal, mas a identidade social, que os categoriza como elementos significados como estando fora da loucura concebida como patologia médica. Nesse sentido, qualquer um poderia ser imputado como ‘louco’, bastando, para tanto, não se enquadrar na normalização do Estado. Em suma, hospital psiquiátrico, lugar onde são internados “os loucos”. Não só, mas também lugar onde são internados os “indesejados”.

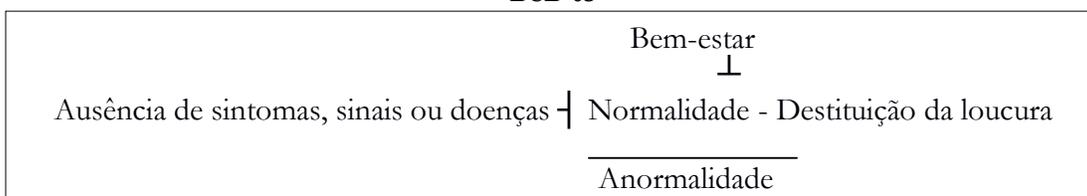




3.3 Texto 3

O Texto III, intitulado *Afinal, o que é ser normal?*, de Amanda Mont'Alvão Veloso, chama-nos a atenção, já no título, por questionar a definição de 'normal' e, assim, (d)enunciar certa vagueza semântica no estabelecimento dos sentidos de normalidade. O texto enumera nomeações de comportamentos que os significam como “normais” em um tempo passado e que, hoje, são significados como “anormais”. Assim, o texto dá ciência de uma variância de padronização histórica dos comportamentos. A normalidade aparece especificada como um estado destituído de loucura, bem como das dificuldades da vida, o que, em um mundo como o nosso, é impossível. Dessa forma, o texto afirma que a “loucura”, concebida de um certo modo, é fundamental ao ser humano. Vejamos abaixo o DSD do texto III.

DSD 03



A normalidade, ou a destituição da loucura, é significada como “estado de bem-estar”, “ausência de sintomas, sinais ou doenças”, o que, de acordo com o texto, seria impossível, uma vez que os sentidos ali produzidos dizem que viver as dores da existência pode ser significado como anormalidade. Nessa perspectiva, é possível lermos ali uma vagueza semântica na definição de “anormal”. Assim, no dizer do texto, a anormalidade imiscui-se à normalidade, constituindo-a. Não uma sociedade bem organizada, com os estratos normal e anormal bem definidos, separados na disciplinarização simbólica dos indivíduos, mas com dificuldades no estabelecimento das fronteiras.

3.4 Texto 4

O quarto texto analisado é *A loucura de cada um - Há quem diga que loucura e distúrbio mental não são sinônimos*, de Manuel Rocha. Considerando que o título de uma reportagem apresenta função interpelativa, podemos perceber certa ironia ao (d)enunciar a vagueza semântica que suscita a expressão ‘a loucura de cada um’, uma vez que podemos ler que (1) cada um teria sua loucura, o que tornaria a loucura algo da ordem da normalidade ou que (2) cada um teria uma definição particular



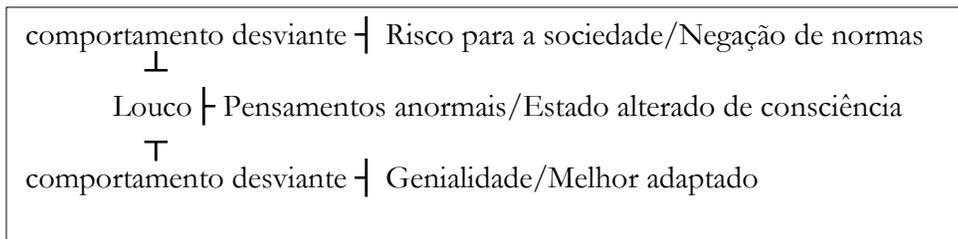


de loucura, daí distúrbio mental poder ser considerado diferente de loucura, mas que o texto estaria em posição contrária a essa, de modo que a definição de loucura não poderia ser particular, mas social. Então, desde o título, o texto convoca o leitor a pensar sobre a relação entre os sentidos de normalidade e de anormalidade no estabelecimento da loucura.

Esse texto (d)enuncia, assim como o texto III, uma vagueza semântica ao determinar a palavra “loucura” em relação àquilo que seria da ordem da anormalidade. A palavra “louco” é significada como aquele que desafia a ordem social vigente, e que, por isso, representaria um risco para a sociedade. De acordo com o texto “Até hoje, é visto com naturalidade o discurso de que o louco tem que ser internado, mesmo contra a sua vontade, por representar um risco para a sociedade” (ROCHA, 2018, não paginado).

Nesse sentido, percebemos que a loucura é determinada por “um estado de pensamentos anormais” e de “comportamentos desviantes”, que podem ser, de acordo com o texto, vistos de duas formas, como é possível observar no DSD abaixo.

DSD 04



Aqui os sentidos de “comportamento desviante” são dados em relação aos sentidos de “genialidade” e de “risco para a sociedade”, “negação das normas”. Indicando duas direções de sentido para o termo “anormalidade”, aquela em que a anormalidade é positivada, e, por isso, deve ser bem aceita pela sociedade e essa em que a anormalidade é negativada e, por isso, deve ser concebida como loucura ou distúrbio mental.

3.5 Texto 5

No quinto texto, *Entrevista de Bolsonaro a Ellen Page sobre homofobia viraliza no exterior*, por Almudena Barragán, são construídas duas orientações argumentativas. Na orientação argumentativa (1), a “anormalidade” é significada em relação ao comportamento do então presidente Jair





Bolsonaro, ao colocar-se contra os sentidos que instauram a homossexualidade como “normal”. A direção argumentativa (2) significa a homofobia, o racismo e o machismo como “normais”. Trata-se, por conseguinte, de posições antagônicas, em disputa pelos sentidos.

Em relação a (1), a argumentação coloca os posicionamentos de Jair Bolsonaro como anormais ao cargo de Presidente da República. Podemos observar essa posição nas articulações destacadas no recorte abaixo:

O protagonista da entrevista pode se tornar presidente do Brasil nas próximas semanas –se ganhar o segundo turno em 28 de outubro, depois de ter conquistado 46% dos votos no primeiro-, **embora** se mostre como uma pessoa abertamente racista, homofóbico, machista e sexista. (BARRAGÁN, 2018, não paginado).

A conjunção **embora**, de valor concessivo, produz efeito de que um presidente não deveria ter comportamentos racistas, homofóbicos, machistas e sexistas, ou seja, comportamentos significados como anormais para um presidente. A direção argumentativa (2) apresenta como anormais os comportamentos assumidos como normais por Jair Bolsonaro, como é possível observar no recorte da entrevista abaixo.

Acho que é esse ponto. O senhor vê isso como algo **anormal**' responde Ellen Page. 'Diz que deveriam bater nos filhos gays e que prefere um filho morto em vez de homossexual', espeta.
O ultradireitista se defende sem responder ao comentário da atriz. “Quando um filho está muito violento – novo, né? – dando um corretivo nele, ele deixa de ser violento. Por que o contrário não vale? Agora, de você estimular desde criança, **mostrar que é normal** isso, normal aquilo’, **seja lá o que for normal**, a criança vai praticar aquilo”. (BARRAGÁN, 2018, não paginado).

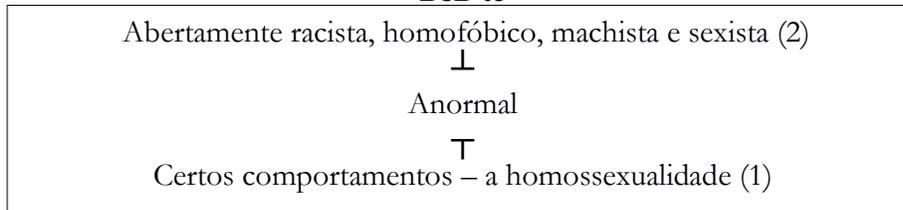
O presidenciável, ao ser questionado sobre o comportamento significado como anormal, aponta a relatividade da palavra ‘normal’: ‘seja lá o que for normal’. Contudo, faz significar a crença de que os comportamentos homossexuais, tópico da entrevista, possam ser reprimidos com um “corretivo”. Vale destacar que, ao comparar o “corretivo” aplicado à violência ao “corretivo” aplicado à homossexualidade, faz significar, implicitamente, que a violência pode resolver qualquer problema. Esse implícito atrelado ao dizer de um presidenciável mostra-se como um dizer ‘anormal’ ao cargo pretendido.

A partir da análise do texto V, obtivemos o seguinte DSD:





DSD 05

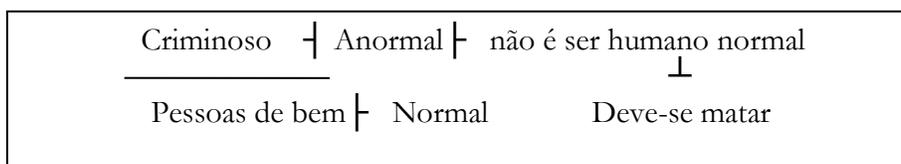


No DSD 05, os números (1) e (2) referem-se às duas direções argumentativas em confronto no texto: uma assumida pela entrevistadora e outra assumida pelo entrevistado. Assim, tanto é anormal ser racista, homofóbico, machista e sexista como é normal o ser racista, homofóbico, machista e sexista a depender da posição assumida, o que mostra uma sociedade dividida e em confronto por pertencimento ou não à normalidade social vigente, por incluir ou não certos grupos sociais, o que faz significar a luta de classes no campo do social.

3.6 Texto 6

O sexto texto, *Bolsonaro diz ao JN que criminoso não é 'ser humano normal' e defende policial que 'matar 10, 15 ou 20'*, Por G1 – Brasília, apresenta o dizer de Jair Bolsonaro em uma entrevista ao Jornal Nacional. Nessa entrevista, seu dizer faz significar que “bandido bom é bandido morto”. Bolsonaro define “criminosos” como todos aqueles que não são cidadãos de bem, observemos: “Temos que fazer o quê? Em local que você possa deixar livre da linha de tiro as **pessoas de bem da comunidade**, ir com tudo para cima **deles**”. Nesse sentido, “as pessoas de bem da comunidade” devem ser separadas e protegidas, enquanto os criminosos devem ser mortos. Mas a quem pode referir a palavra ‘criminoso’ reescrita por ‘não é ser humano normal’?

DSD 06



“Criminoso” é significado como “anormal” e como “não é ser humano normal”. Dessa forma, esses sentidos sustentam o dizer “deve-se matar tais pessoas”. Matá-los também significa eliminar esse problema social. Assim como no texto V, a violência é apresentada como solução para um problema social. Mantém-se o discurso de disciplinarização pela repressão/violência como forma





de exclusão ou de eliminação dos indivíduos que não se enquadrem à normalidade concebida por Bolsonaro.

3.7 Texto 7

O sétimo texto, por sua vez, *Não me deixavam viver uma vida normal, por isso escolhi a resistência à ocupação*, por Juan Carlos Sanz, relata a história de Ahed Tamimi, que foi presa por oito meses por esbofetear o rosto de um soldado. O comportamento da jovem foi definido textualmente como imaturo. Observemos o recorte: “A garota que expressou a raiva palestina com bofetadas em soldados **amadureceu** e agora só responde com **palavras ajuizadas**”. O DSD da palavra “normal” nesse texto pode ser assim construído:

DSD 07

Vida normal/Ausência do conflito sociopolítico armado
Resistência ┆ Anormalidade/Ir contra o discurso de ordem

Assim, “vida normal”, ou seja, “vida sem conflitos sócio-políticos armados” é reescrita por “palavras ajuizadas” e “raiva” é determinada por “bofetadas em soldado”. Assim, o texto faz significar que oito meses detida tornou-se um tempo de transformação. Contudo, de forma antônima, “raiva” e “bofetadas em soldado” faz significar “resistência à ocupação de sua cidade”, mas também faz significar “anormalidade” por relação de oposição à “vida normal”. Em uma situação de conflito armado, ‘esbofetear soldados’ é significado como “comportamento imaturo”, e, por isso, passível à prisão.

3.8 Texto 8

O oitavo texto, ‘É anormal que o apelo ao antifacismo seja tido como impróprio’ diz leitor, em Notas do leitor de Folha de São Paulo, apresenta duas determinações de anormalidade: em (1), a tortura e a ameaça física são significadas como normal, enquanto, em (2), é significado como inadequado o apelo ao antifacismo. Sentidos que remontam a práticas discursivas distintas. Com base nessas duas determinações, construímos o DSD abaixo.





DSD 08

considerar propaganda imprópria o apelo ao 'antifacismo'
 \perp
 Anormal \vdash tortura, torturadores, ameaça física \vdash falsa normalidade

De acordo com o DSD, é significado como “anormal” considerar imprópria a propaganda que faz apelo ao antifascismo, e é significado como “anormal” considerar normal a tortura e a ameaça física. Assim, “tortura” significada como “normal” (re)produz sentidos de “falsa normalidade”. Assim, o texto joga com a crença de que a repressão/a violência, como está posto nos textos 5 e 6, seria uma solução normal para as anormalidades sociais. Essa solução normal, por sua vez, faz essa solução significar como “falsa normalidade”, uma vez que a violência é significada como da ordem da anormalidade. Seria, então, usar sentidos de anormalidade para instaurar/manter sentidos de normalidade.

3.9 Texto 9

Assim como o sétimo texto, o nono texto, intitulado *Meu marido me bate dentro do normal*, de Juan Arias, apresenta duas posições discursivas em conflito: posição (1), na qual “comportamento violento” e “agressão de um marido contra sua esposa” são significados, ao mesmo tempo, como normal por alguns e como anormal por outros. Observemos o DSD:

DSD 09

Normal \vdash Bater na mulher em privado/ descontrolo/ agrediu apenas duas vezes
 \perp
 Agressão
 \top
 Anormal \vdash Comportamento violento/ submissão da mulher \vdash barbárie

A agressão é determinada tanto por ‘normal’, quanto por ‘anormal’, o que significa posições em confronto. No campo da normalidade, é significada como ‘descontrole’ com a justificativa de ocorrer ‘em alguns momentos’, ‘poucas vezes’, ‘duas vezes’, fazendo significar que, na maior parte do tempo, há controle e, por isso, não agressão, esse “descontrole”, portanto, é perdoável pois é visto





como esporádico. A justificativa baseia-se no critério quantidade. De acordo com Alexandra, “seu marido a agrediu apenas duas vezes e que não se trata de um homem violento. Isso, apesar de lhe ter arrancado um dente com socos[...]”, podemos perceber, a partir desse recorte, que existe uma normalização na atitude violenta do marido, devido à esporadicidade. No campo da anormalidade, é determinado como um comportamento violento que reforça o papel de submissão da mulher, que, por sua vez, é determinado como uma barbárie.

4 AFINAL, QUAIS AS DESIGNAÇÕES DO *NORMAL*?

Partindo das análises dos textos e de seus respectivos DSD, bem como das proximidades e distanciamentos de sentidos produzidos em cada um deles, nos propomos, aqui, a pensar nos sentidos em dominância nos usos da palavra ‘normal’, em circulação nas mídias brasileiras, para designar ou qualificar o ser humano em nossa sociedade.

Durante a análise, percebemos que a anormalidade está intimamente ligada a ditos comportamentos que a todo tempo extrapolariam o discurso médico prescritivo da normalidade. Esse discurso funciona na disciplinarização dos indivíduos pelos Aparelhos Ideológicos do Estado. Há uma recorrência em explicar a anormalidade pelo discurso médico, o ‘normal’ seria aquele que se adéqua aos ditos comportamentos socialmente aceitáveis, e que, por isso, não apresentaria sinais de distúrbios enquadráveis como doenças mentais.

Dessa forma, pensamos em um DSD comum às designações de ‘normal’ e de ‘anormal’, uma vez que, de acordo com Guimarães (2007, p. 81), “um DSD é uma análise de uma palavra. Ele representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra [...]”. Em nosso caso, explicar o funcionamento das palavras ‘normal’ em textos midiáticos em circulação em nossa sociedade. Assim, ao relacionarmos os DSD dos textos analisados, chegamos ao seguinte DSD da palavra ‘normal’:

DSD da palavra ‘normal’ em relação designativa ou qualificativa do ser humano

Normal	┆	destituição da loucura/ausência de sintomas
Anormal	┆	comportamentos imprevisíveis/quebra da ordem social
		┆
		louco(?)/ criminoso/ resistência





Na esteira do pensamento de Althusser (1985), percebemos que a normalização funciona por meio de aparelhos repressivos e ideológicos. Nos textos analisados, a construção dos sentidos de normalidade é submetida à violência dos discursos e das práticas de profissionais que apontam os supostos limites da normalidade, construindo em contraposição os sentidos de anormalidade. De acordo ainda com Althusser (1985, p. 46), “Diremos de facto que qualquer Aparelho de Estado, seja repressivo ou ideológico, «funciona» simultaneamente pela violência e pela ideologia [...]”. Podemos pensar, dessa forma, nas diversas práticas que perpassam a construção dos sentidos de normalidade em função da disciplinarização social.

Percebemos, nesse sentido, que a designação de louco é construída discursivamente como aquele que foge à normalidade estabelecida pelos discursos médico-administrativos, embora se mantenha significando uma imprecisão no estabelecimento das fronteiras dessa normalidade. Há uma vagueza semântica quanto à ideia de normalidade que se deve à variância na padronização histórica da designação de comportamentos tidos como normais, como é o caso, por exemplo, dos discursos referentes à agressão contra a mulher e à homofobia, que, em algumas épocas, eram significados, predominantemente, como normais. Dessa forma, essas discursividades apresentam vestígios que permanecem produzindo efeitos de sentido em nossa sociedade, como vimos no texto 9.

Na contemporaneidade, porém, esses comportamentos passaram a ser também qualificáveis como ‘anormais’, competindo por significar com outras discursividades que os qualificam como ‘normais’, como os DSD 04, 05, 07, 08 e 09, nos quais os discursos estão em disputa por (re)significar certas práticas sociais de designação. De acordo com Pêcheux (2011), é na linguagem que a luta ideológica tece seu confronto, é na luta pelo sentido das palavras. É dessa forma que entendemos a língua como base dos processos discursivos atravessada pelo político, em que os discursos estão em constante disputa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há, portanto, uma relação entre os sentidos que ressignificam as práticas sociais de designação e como são afetados pela condição sócio-histórica que evoca os discursos em circulação. Os discursos que justificam a repressão, a morte e a violência dos ditos ‘anormais’ sustentam-se em discursividades que apregoam a necessidade de manter-se a normalidade, uma sociedade que seja





economicamente ativa e funcional, de acordo com os preceitos do capitalismo neoliberal que a modela.

Esses discursos são acirrados pelas condições sócio-históricas e ideológicas do cenário (político) brasileiro atual, no qual a opressão e a violência aparecem significados como mecanismos de controle nos dizeres dos dirigentes políticos, como pudemos ver em alguns dos textos analisados. Nesse movimento sócio-histórico e ideológico, os sentidos da palavra 'normal' ganham contornos importantes na determinação dos direitos à cidadania, uma vez que é por meio destes sentidos que esses mecanismos de controle se efetivam nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARIAS, J. Meu marido me bate dentro do normal. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/17/opinion/1447717929_384600.html> Acesso em: 15 fev. 2019.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARRAGÁN, A. Entrevista de Bolsonaro a Ellen Page sobre homofobia viraliza no exterior. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/actualidad/1539377107_313676.html Acesso em: 05 fev. 2019.

BRUM, E. Os loucos, os normais e o Estado Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-loucos-os-normais-e-o-estado-por-eliane-brum/>. Acesso em: 21 fev. 2019.

Folha de São Paulo. É anormal que o apelo ao antifacismo seja tido como impróprio' diz leitor. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2018/10/e-anormal-que-o-apelo-ao-antifacismo-seja-tido-como-improprio-diz-leitor.shtml> Acesso em: 5 fev.2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

G1 Brasília. Bolsonaro diz ao JN que criminoso não é 'ser humano normal' e defende policial que 'matar 10, 15 ou 20'. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/28/bolsonaro-diz-ao-jn-que-criminoso-nao-e-ser-humano-normal-e-defende-policial-que-matar-10-15-ou-20.ghtml> Acesso em: 02 fev. 2019.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E; MOLLICA, M. C. (org.). **A palavra**: forma e sentido. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007. p. 77-96.





GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**: um estudo enunciativo. Conferência na 60ª. Reunião Anual da SBPC, Campinas: Unicamp, 2008. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/60ra/textos/CO-EduardoGuimaraes.pdf> Acesso em: 09 dez. 2019.

GUIMARÃES, E. **Textualidade e enunciação**. Campinas: Escritos, n. 2, 1998.

IG São Paulo. Esfaqueador de Bolsonaro “não era normal”, diz familiar de agressor. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2018-09-07/esfaqueador-de-bolsonaro-mg.html> Acesso em: 24 fev. 2019.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, v. 13/14. p. 109-126, 2002/2003.

OLIVEIRA, S. E. de. **Cidadania**: história e política de uma palavra. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2006.

PÊCHEUX, M. [1977] As massas populares são um objeto inanimado? *In*: **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

ROCHA, M. A loucura de cada um. Não paginado. 2018. Disponível em: https://www.gazetaonline.com.br/bem_estar_e_saude/revista_ag/2018/10/a-loucura-de-cada-um-1014152144.html Acesso em: 06 fev. 2019.

SANZ, J. C. Não me deixavam viver uma vida normal, por isso escolhi a resistência à ocupação. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/02/internacional/1533229530_063403.html Acesso em: 23 fev. 2019.

VELOSO, A. M. Afinal, o que é ser normal? Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/05/18/afinal-o-que-e-ser-normal_a_21682428/ Acesso em 25 fev. 2019.

Artigo recebido em: 06/01/2021
Artigo aprovado em: 15/09/2021
Artigo publicado em: 13/04/2022

COMO CITAR

MOURA JÚNIOR, G. A.; AGUSTINI, C. Sentidos de 'normal'/'anormal' em circulação: o diferente como caução argumentativa. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, e02201, p. 1-19, 2022.

